

Terrorismo, fundamentalismo islâmico e o imaginário social brasileiro: a difusão das idéias e seus efeitos

Jacques A. Wainberg*

Resumo

Este é um estudo sobre o clima de opinião pública brasileira referente ao tema do terrorismo internacional. O objetivo é avaliar o impacto que duas correntes de pensamento tiveram no imaginário nacional. São elas o ‘nativismo ocidentalista’ e o ‘nativismo orientalista’. O resultado do *survey* aplicado numa amostra de 400 respondentes de Porto Alegre no período de agosto a novembro de 2007, mostra o vigor do ‘ocidentalismo’ e o descolamento dos respondentes à agenda política dos principais atores internacionais contemporâneos.

Palavras-chaves: Ocidentalismo. Orientalismo Imaginário brasileiro. Fundamentalismo islâmico Terrorismo.

Abstract

This survey aims to evaluate the impact of two schools of thought regarding such topics as Islamic fundamentalism and terrorism on Brazilian public opinion. The first group was labeled as “native Occidentalism” and the second as “native Orientalism”. It was applied in Porto Alegre in the August-November/2007 period. The results show how strong ‘Occidentalism’ is among the public, and how far is the Brazilian mood regarding the political agenda of major international players.

Keywords: Occidentalism. Orientalism. Brazilian imaginary. Islamic fundamentalism. Terrorism.

* Professor da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutor pela ECA/USP. Pesquisador CNPq. O autor agradece o apoio das auxiliares de pesquisa Janaína Azevedo Lopes e Liza Marques de Melo. Da mesma forma agradece à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ao CNPq o patrocínio deste estudo. E-mail: jacqalwa@puccrs.br .

Resumen

Este es un estudio sobre el clima de la opinión pública brasileña en relación al tema del terrorismo internacional. El objetivo es evaluar el impacto que dos líneas de pensamiento tienen en el imaginario nacional. Son ellas el “occidentalismo nativo” y el “orientalismo nativo”. El resultado del survey con 400 encuestados de Porto Alegre en el periodo de agosto a noviembre de 2007, muestra la fuerza del “occidentalismo” y el alejamiento de los encuestados de la agenda política de los principales actores internacionales contemporáneos.

Palabras claves: Occidentalismo. Orientalismo. Imaginario brasileño. Fundamentalismo islámico. Terrorismo.

Duas narrativas de fôlego sobre a qualidade das relações interculturais vigentes no mundo contemporâneo têm estado em confronto direto já há algum tempo. De um lado da trincheira está a denúncia do ‘orientalismo’, como exposto em obra com este título publicada em 1978 por Edward Said. Segundo seu argumento, a forma de autores ocidentais interpretarem, explicarem e criticarem as civilizações orientais, em especial o mundo árabe e a fé muçulmana, estaria viciada por preconceito colonial, imperial e racial. Este ponto de vista será aqui referido como ‘*orientalismo ocidental*’ já que existe também o que poderia ser denominado de ‘*orientalismo oriental*’ – a obra intelectual de crítica à ortodoxia islâmica e às condições sociais e políticas dos países muçulmanos e árabes produzida por teólogos e pensadores islâmicos liberais.

Em 2004, os autores Ian Buruma e Avishai Margalit consolidaram a tese oposta. Denunciaram o ‘ocidentalismo’, “a imagem desumanizada do ocidente por seus inimigos”. O conceito original referiu-se e limitou-se à obra intelectual antiliberal realizada ao longo do tempo por pensadores ocidentais de variadas colorações ideológicas, entre elas marxistas, anarquistas, fascistas, nazistas além de grupamentos nacionalistas e religiosos utópicos distintos. Por isso mesmo, neste estudo faremos igualmente distinção entre o ‘*ocidentalismo do ocidente*’, como proposto pelos autores, e o ‘*ocidentalismo oriental*’, ou seja, a obra intelectual produzida por

orientais sobre o ocidente, em especial por pensadores, militantes e teólogos islâmicos fundamentalistas. Tal ideologia revela-se profundamente hostil aos fundamentos doutrinários destas sociedades nas quais o Estado e a religião estão separados.

Por fim, é necessário incluir nesta lista de correntes contemporâneas de pensamento a mutação brasileira destas duas vertentes ideológicas, ou seja, o ‘nativismo ocidentalista’ e o ‘nativismo orientalista’. Ambas parasitam o debate ideológico internacional sobre o choque civilizacional, o terrorismo e o fundamentalismo religioso e disputam entre si a hegemonia do imaginário social no país.

Descrição

Tentativa de descrição de alguns dos elementos centrais do ‘nativismo ocidentalista’ foi feita em 2003, pelo repórter Renato Machado da TV Globo a um programa da BBC que avaliava a imagem dos Estados Unidos no mundo após a invasão do Iraque. Segundo esta formulação, o brasileiro era um indivíduo de posições ambíguas. De um lado, (1) estava mais ‘azedo’ em seus sentimentos aos norte-americanos. Lembrava que (2) sempre houve uma onda anti-americana entre os intelectuais do país; e que (3) o populismo e as ditaduras nacionalistas da América Latina alimentaram esta desconfiança. Por outro lado, (4) havia admiração das pessoas comuns pelo estilo de vida dos Estados Unidos. (5) Isso era resultado da exposição dos brasileiros à cultura popular norte-americana. No imaginário social brasileiro, o governo dos Estados Unidos e o povo americano eram a mesma coisa. Portanto, e segundo esta visão, (7) todo e qualquer cidadão daquele país carregava a culpa das decisões tomadas pela administração Bush. (8) A estratégia da Casa Branca de forçar a adesão da opinião pública internacional ao seu ideário e contra Osama bin Laden com a máxima de – Com nós ou contra nós – pegou mal no Brasil. (9) Segundo esta interpretação, os Estados Unidos são um império que (10) quer impor sua vontade ao mundo. O que talvez explique (11) o desinteresse da imprensa brasileira tanto em bater com insistência na tecla dos desatinos do regime de Saddam Hussein como em enquadrar as razões do conflito como uma luta pela liberdade do povo iraquiano. (12) Caiu ao

gosto da imprensa nacional mais o desejo de denunciar as mentiras do governo Bush sobre a presença de armas de destruição massiva nos estoques militares daquele país árabe. (13) Apesar disso, tudo o *glamour* do valor da liberdade evocada na retórica americana e o apreço à cultura popular dos Estados Unidos permaneciam fortes no território nacional.

Já o 'nativismo orientalista' é a reação de um minoritário grupo de comentaristas a vários destes argumentos, como ver-se-á a seguir.

No período de 11 de setembro de 2001 a julho de 2006, 80 autores brasileiros produziram sobre esta variada temática de eventos e acontecimentos derivados do ataque terrorista da Al Qaeda a Nova York¹, um total de 48 livros, uma dezena de dissertações e teses e alguns artigos acadêmicos² veiculados em publicações universitárias variadas. Volume maior de ensaios de autores locais foi divulgado no mesmo período na *Web*. O exame da argumentação destes pronunciamentos e de outros em nível internacional foi apresentado pelo autor no livro *A pena, a tinta e o sangue: a guerra das idéias e o Islã* (Wainberg, 2008). Tal descrição permite que se decifre além das correntes ideológicas que se enfrentam no oriente e no ocidente também o mapa mental de ambos os grupos de nativistas. A análise da retórica destes discursos contribui ainda para que se responda à pergunta formulada por Paul Berman (2003), em seu livro *Terror and Liberalism*. Disse o autor, os doutrinadores fundamentalistas falam de coisas profundas. Tocam o coração da *ummah* (a comunidade islâmica mundial) com esperança, desejos, sonhos e ódios. Cabe examinar, disse Berman, o que se diz no Ocidente em resposta. O que fazem os intelectuais desta parte do mundo neste embate de idéias sobre o sentido da vida, sobre o sagrado e o profano? Aliam-se à doutrinação antiliberal, ou fortalecem e imunizam os espíritos contra a tirania dos militantes da Al-Qaeda?

¹ A pesquisa bibliográfica e na internet foi feita levando em conta as palavras-chaves *11 de setembro*, *terrorismo*, *orientalismo*, *fundamentalismo islâmico*, *ocidentalismo*, *choque das civilizações*, *islamismo*, *guerra do Iraque* e *guerra do Afeganistão*. Considerou autores brasileiros somente.

² Este é o acervo encontrado nas bibliotecas de dez universidades brasileiras.

Os argumentos do ‘nativismo ocidentalista’

O primeiro argumento desta corrente de pensamento – *Os americanos fizeram por merecer a morte nos ataques terroristas* – não é originalmente brasileiro, embora tenha encontrado em território nacional alguma simpatia e ampla difusão. Na verdade, toma emprestado da tese ‘ocidentalista’ o alvo principal e preferencial para seus disparos retóricos, ou seja, o liberalismo e o que dele decorre, especialmente os valores caros ao sistema capitalista, o individualismo, o consumismo, a meritocracia, a globalização, sua falta de fervor reformista e utópico, a mídia, a democracia representativa e sua pretensão ao universalismo. Por isso, e como afirmado, diz seu segundo argumento, *o inimigo da hora, o verdadeiro inimigo nativista, não é o fundamentalismo religioso, mas o de mercado.*

Deriva deste *rationale* o terceiro argumento – *O fundamentalismo religioso está em todos os lugares.* Segundo esta visão, a resposta fundamentalista aos problemas da humanidade não é e não deve ser unicamente islâmica, mas universal. Como nos explica um pastor protestante, “assim, o fundamentalismo torna-se instrumento de verificação para uma modernidade que laborou em equívoco e que produziu monstros em nome de outra atividade que não é Javé, nem o pai Jesus, nem Alá, mas o Mercado” (DREHER, 2002).

Outra formulação, a quarta, *é a verdadeira vítima a ser resgatada é a soberania nacional.* Osama teria surgido como expressão do fracasso dos projetos modernizantes de desenvolvimento financiados pelo Banco Mundial dos anos 1960 e 1970 no Terceiro Mundo. O quinto diz que *Bush é o terrorista número 1.* O presidente americano, quando mencionado, dispara entre os *nativistas ocidentalistas* associações mentais rápidas, imediatas com o mal. No ambiente nativista ocidentalista interessa denunciar ainda e mais *o terrorismo de Estado*, mais vivo na memória e que recorda sempre a experiência da tortura praticada pelos regimes militares da América Latina a seus inimigos. É o sexto argumento. O verdadeiro problema desta corrente de pensamento é menos com os ataques da Al Qaeda e mais com este tipo de tormento.

É verdade também – é o sétimo – que este tipo de retórica abomina o 11 de setembro, mas não este, o de 2001. *O que lhe causa rubor é o de 1973, quando Allende foi deposto no Chile*. Terrorismo de Estado, o americano, que ergueu sua mão contra o líder socialista, afirmam. *Não raro, os nativistas ocidentalistas aceitam e apelam às teses conspiratórias*. É o oitavo argumento deste discurso. O ataque seria iniciativa mesma de alguma potência motivada por algum cálculo maquiavélico de capitalizar sobre seus efeitos (SADER, 2005)³.

Na artilharia pesada dos argumentos do ‘nativismo ocidentalista’ nada é mais potente que o *antiamericanismo* (nono). Neste clima psicossocial, este tipo de discurso que floresce sem muita resistência no território brasileiro e noutros do continente aproveita a oportunidade para reanimar também aqui sonhos combalidos, crenças fustigadas – principalmente a da *fé no Estado* (é o décimo). O que explica certo grau de hostilidade deste tipo de nativismo ao ‘viver e deixar viver’ liberal.

Por fim, há o décimo-primeiro argumento. *Não há guerra entre as civilizações, mas guerras nas civilizações*. Ou seja, são os ocidentais que estão envolvidos entre si e já há algum tempo numa luta de idéias pelo destino e características do ocidente da mesma forma que os muçulmanos enfrentam disputas similares pelo destino de seus diversos mundos.

Há ainda enorme desconfiança à imprensa, especialmente à americana vista como um braço manipulador das estratégias da Casa Branca (décimo-segundo argumento).

A reação e o efeito espelhado

Entre os efeitos já assinalados destas teses destaca-se principalmente a capacidade que este tipo de retórica possui de desviar o olhar dos observadores brasileiros da Al Qaeda, de seus fundamentos filosóficos e o que ela representa politicamente no cenário

³ Entre outras teorias conspiratórias que circularam amplamente na internet e difundidas no Brasil pelo Centro de Mídia Independente com o título de “11 de Setembro Planejado” estavam vários argumentos de que a derrubada das torres de Nova York não foi feita por terroristas. Ver a edição de 31 jul. 2003

internacional. A retórica *ocidentalista* que se adaptou aos trópicos provê igualmente álibis comoventes a todo tipo de insurgência de tonalidade antiamericana, antiocidental e antiliberal, de preferência os três conjugados num único *rationale* rotulado pelos militantes e simpatizantes usualmente como de resistência, libertadora e antiimperialista.

A dura tarefa de considerar com a devida profundidade e paciência a emergência e a natureza do fenômeno do fundamentalismo islâmico cabe a seus opositores, que gozam nestes círculos rebeldes de nenhuma simpatia e de muita hostilidade. Como dito, esta crítica de oposição aos *nativistas ocidentalistas* poderia ser rotulada por antonímia como *nativista orientalista*.

Cabe assinalar por isso, que entre os argumentos reativos destes círculos de oposição ao nativismo do ocidente está a (1) *irritação máxima com o terrorismo*. Abominam a tentativa de justificá-lo a qualquer custo. Os meios não justificam os fins, repetem. Não aceitam também (2) a diabolização da globalização usual entre os ‘ocidentalistas’ de todos os matizes. Como afirmou Ernesto Zedillo (2004), ex-presidente mexicano, “a integração econômica não tem nada a ver com maus efeitos”. *A solução dos problemas da América Latina não está na desglobalização*, mas em fatores políticos objetivos e concretos que têm prejudicado o continente – como é o caso do protecionismo econômico dos países desenvolvidos.

No Brasil, o filósofo Olavo de Carvalho (2004) é um dos pensadores que tem liderado este campo de idéias de crítica aos críticos. Aos seus olhos, a tática dos inimigos do Ocidente é, de fato, (3) *a guerra assimétrica*. Um dos lados – o de Osama e de seus apoiadores – pode tudo. Não tem freios de espécie alguma. Podem fazer o que bem entendem, diz ele. Ao outro lado exige-se o máximo, e principalmente a moralidade.

Como os nativistas do ocidente, (4) os do oriente também *parasitam as ocorrências internacionais para fazer por via indireta ações de guerrilha retórica a atores envolvidos na política nacional*. Relacionam personagens brasileiros com outros d’além-mar para revelar prioritariamente táticas que eles consideram perversas e praticadas nas disputas em território nacional.

Denunciam amplamente o fanatismo religioso (5) e apelam ao estilo do historiador inglês Paul Johnson, a um *mutirão internacional contra o terrorismo mundial*. Os posicionados neste lado da controvérsia tendem ou tenderam por um largo período de tempo a (6) *apoiar a invasão ao Iraque e ao grito de guerra democratizante do Oriente Médio dado por Bush* (BLINDER, 2005, p. 60). Elaboraram uma pauta de temas e idéias divergentes e críticas aos usuais e bastante difundidos pontos de vista das correntes da esquerda brasileira e latino-americana. Mostraram-se igualmente críticos *mordazes às posições antiamericanas da França* que em 2005 ainda relutava em se opor de forma categórica às pretensões nucleares do Irã (EICHENBERG, 2005, p. 68). *Saudavam com ironia as privatizações de empresas públicas levadas a cabo nos países ex-comunistas da Europa Oriental, denunciavam o fundamentalismo iraniano* afirmando, com base em fontes dissidentes deste país, que esta doutrina bebe nas fontes do nazismo, do fascismo, do leninismo e “até do terror revolucionário francês.” (Santos, 2005). Criticavam Edward Said (ESTENSORO, 2005, p. 78), destacavam a obra de Margalit e Buruma, expunham os mitos do neocomunismo, batiam na tecla do gulag soviético (ESTENSORO, 2005, p. 84) e realçavam autores arrependidos pelo apoio concedido no passado ao comunismo como foi o caso de Arthur Koestler (ASHER, 2005, p. 79)

Opinião, Cultura e Recepção

O presente estudo deseja avaliar o impacto e o efeito de tais pregações e idéias no clima de opinião pública brasileiro. Uma amostra de 400 sujeitos selecionada aleatoriamente em Porto Alegre respondeu no período de agosto a novembro de 2007, às perguntas de um questionário no qual se problematizou vários dos argumentos nativistas apresentados. Os respondentes foram agrupados por nível de escolaridade. A tabela que segue retrata a opinião destes grupos.

Levou-se em conta o que sugere Stuart Oskamp (2000) em *Attitudes and Opinions*. Para este autor, opinião e crença são equivalentes, têm forte componente cognitivo e representam um julgamento sobre fatos que são verificáveis. Cabe salientar ainda que neste tipo de levantamento utiliza-se com freqüência também a expressão ‘imaginário social’. O conceito foi introduzido em 1936,

pelo psicanalista Jacques Lacan. Representa um sistema de sentido que governa uma sociedade determinada. Vários autores elaboraram desde então sobre este construto, entre eles, o filósofo grego Cornelius Castoriadis (2000), o teólogo Henry Corbin e o filósofo canadense Charles Taylor (2004).

A Teoria de Decisão e a Teoria Geral dos Sistemas popularizaram outro conceito ainda – *mind set*, útil aos fins desta descrição do senso comum da sociedade brasileira atual. O termo evoca uma atitude mental fixa ou predisposição cognitiva que determina as interpretações que se faz ou das respostas que se dá às situações. Por vezes é descrita como ‘inércia mental’ ou ‘paradigma’ cultivado por um ou mais grupos de pessoas, que se solidifica e cria um incentivo poderoso para que se continue a adotar comportamentos prévios e fazer escolhas.

É possível ainda relacionar o conceito de opinião com cultura. Adota-se aqui a definição de Stephan Dhal (2004). O autor diz que “é possível descrever cultura como a partilha de um conjunto de suposições e valores, que resultam em normas, atitudes e crenças que se manifestam em sistemas e instituições assim como em padrões de comportamento”. Ou seja, as evidências empíricas coletadas e apresentadas a seguir são marcadores da cultura brasileira contemporânea. Estudos impressionistas têm tratado desta temática ao longo do tempo no país. Exemplos clássicos deste tipo de formulação são obras como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado e *Etnias e Culturas no Brasil*, de Manuel Diegues Junior.

O que se quer mostrar aqui é que estas formulações especulativas deram lugar, especialmente a partir dos anos 1990, a levantamentos empíricos que visam capturar com mais precisão e detalhamento os traços culturais dos povos, grupos e indivíduos. O caráter intercultural de tais levantamentos comparativos revela também o desejo destes autores em contrastar e hierarquizar tais características dos povos.

Resultados

Apresentamos a seguir os dados empíricos coletados no *survey* aplicado aos 400 respondentes.

Respostas dos entrevistados classificados por nível de escolaridade.
Dados apresentados em percentuais.

	EFIN	EFC	EMI	EMC	ESI	ESC
1.A	25	40	22	35	27	24
1.B	38	50	54	58	61	65
1.C	37	10	22	7	12	11
2.A	27	25	22	8	13	11
2.B	42	42	41	40	30	43
2.C	6	18	27	39	57	43
2.D	25	15	9	13	0	3
3.A	29	29	32	43	27	21
3.B	40	60	55	45	67	76
3.C	25	11	13	12	6	3
4.A	27	44	55	50	54	62
4.B	30	31	22	33	41	35
4.C	43	25	22	17	5	3
5.A	22	42	50	44	59	57
5.B	30	23	20	16	6	11
5.C	36	15	10	30	11	13
5.D	12	20	20	11	23	19
6.A	31	21	13	14	11	11
6.B	61	73	73	82	79	84
6.C	8	6	13	4	10	5
7.A	64	71	52	73	60	62
7.B	15	6	14	9	3	3
7.C	10	21	29	15	32	32
7.D	11	7	5	3	5	3
8.A	11	23	4	18	13	19
8.B	45	60	82	67	80	73
8.C	44	17	14	14	6	8
9.A	29	44	36	24	24	24
9.B	38	42	45	64	59	54
9.C	15	6	9	9	16	22
9.D	19	8	9	3	0	0
10.A	14	10	5	7	10	16
10.B	30	33	32	47	37	46
10.C	35	50	63	37	53	30
10.D	20	6	0	9	0	8
11.A	26	42	57	52	78	59
11.B	41	42	30	34	7	11

TERRORISMO, FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E O IMAGINÁRIO SOCIAL BRASILEIRO

	EFIN	EFC	EMI	EMC	ESI	ESC
11.C	16	2	8	9	15	22
11.D	16	15	4	4	0	8
12.A	16	25	4	34	30	46
12.B	29	33	55	28	39	24
12.C	29	29	36	28	31	24
12.D	26	13	5	11	13	6
13.A	22	27	18	26	23	35
13.B	19	33	0	26	20	27
13.C	59	40	82	47	57	38
14.A	31	33	46	30	35	32
14.B	31	57	31	53	43	51
14.C	24	10	23	17	21	16
15.A	38	52	52	53	48	43
15.B	18	25	24	25	39	35
15.C	44	23	24	21	13	22
18.A	3	17	4	22	25	38
18.B	8	3	14	24	45	24
18.C	14	17	18	18	15	19
18.D	76	63	64	36	14	19
19.A	34	52	41	55	53	51
19.B	13	17	23	26	31	30
19.C	53	31	36	18	16	19
20.A	42	54	50	49	40	46
20.B	30	31	36	36	23	27
20.C	28	15	14	15	36	27

Siglas: EFIN- Ensino Fundamental Incompleto

EFC- Ensino Fundamental Completo

EMI- Ensino Médio Incompleto

EMC- Ensino Médio Completo

ESI- Ensino Superior Incompleto

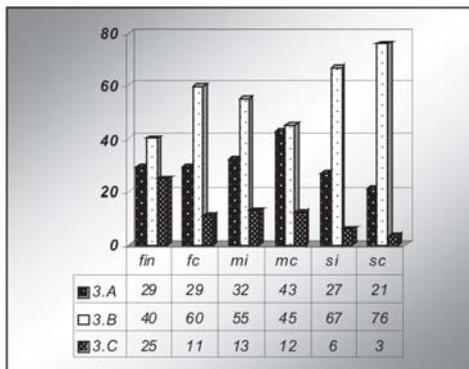
ESC- Ensino Superior Completo

A morte de cerca de três mil pessoas no ataque terrorista da Al Qaeda às torres gêmeas de Nova York gerou ampla crise internacional. Impactou de forma dramática a opinião pública internacional. Qual o impacto desta ocorrência no imaginário brasileiro? Quem é o responsável por esta crise? As respostas a esta primeira pergunta [A. os fundamentalistas islâmicos são os responsáveis, B. os americanos são os responsáveis, C. não sabe responder] mostram que em todos os níveis de escolaridade é amplo o sentimento anti-americano.

Em boa medida, Osama bin Laden é anistiado pela opinião pública. Quanto maior o nível de escolaridade maior é o rancor contra os Estados Unidos. Predomina a impressão de que todos, sem exceção, pensam que este país fez por merecer o ataque terrorista realizado em 11 de setembro de 2001. Os respondentes com baixo nível de escolaridade (EFIN) tiveram mais dificuldade em se posicionar. Um total de 37% desta categoria não soube julgar o fato. Portanto, e segundo as respostas, os Estados Unidos são os culpados e os responsáveis pela ação criminosa da Al Qaeda em 2001.

A segunda pergunta busca avaliar qual o mais grave problema que humanidade enfrenta hoje [A. o radicalismo religioso dos fundamentalistas islâmicos, B. o radicalismo ideológico dos que defendem o capitalismo, C. nenhuma destas opções, D. não sabe responder]. Para a maioria dos respondentes, o capitalismo é um inimigo muito mais visível que o fundamentalismo islâmico. À medida que aumenta a escolaridade mais intensa é a dúvida dos respondentes. A exceção é a categoria ESC na qual há empate entre ambos. Somente uma minoria de todas as categorias mostra preocupação e sensibilidade ao tema do radicalismo islâmico. Outra vez, os respondentes com baixa escolaridade tiveram a maior dificuldade em julgar e escolher. Portanto, e segundo as respostas, o maior problema das pessoas não é o fundamentalismo islâmico, mas sim o capitalismo que goza de pouca estima na opinião pública.

A pergunta número três questiona: O terrorismo se justifica por ser a resposta que os fracos dão aos mais fortes. [(A) Concorde com a afirmativa, (B) Discordo, (C) Não sabe responder.]



O terrorismo é repellido em todos os grupos de respondentes. A maioria da opinião pública não a considera uma ação legítima. No entanto, deve-se destacar que 29% da categoria EFIN, 29% da EFC, 32% da EMI, 43% da EMC, 27% da ESI e 21% da ESC concordam com o argumento de que o ato terrorista é uma arma justificável por ser a resposta que os fracos dão aos mais fortes. Portanto, predomina a repulsa ao terrorismo muito embora seja visto por cerca de um terço dos respondentes como uma arma legítima à disposição dos fracos na luta contra os fortes.

A quarta pergunta questiona se a ação dos Estados Unidos e da Al Qaeda se equivalem. [4 A. Concordo com a afirmativa; 4 B. Discordo; 4 C. Não sabe responder] A maioria dos respondentes em todas as categorias afirmou que a invasão do Iraque pelos Estados Unidos equivale ao ato terrorista da Al Qaeda. Os com baixo nível de escolaridade tiveram mais dificuldade em julgar o dilema. Quanto maior o nível educacional mais freqüente tornou-se esta equiparação e menor a dúvida. Portanto, predomina a crítica feroz aos Estados Unidos e tolerância à Al Qaeda, em especial à medida que aumenta o nível de escolaridade.

A quinta pergunta deseja avaliar se o imaginário brasileiro percebe o terrorismo como a maior ameaça que paira sobre o Brasil. A resposta à pergunta é um categórico não. A globalização é uma ameaça a todos os respondentes [5 A. é a globalização, 5B. é o terrorismo, 5C. é o comunismo e 5D. não sabe responder], com exceção da categoria EFIN. Para estes, o que preocupa é em primeiro lugar o comunismo e em segundo o terrorismo. Para os demais, o fenômeno terrorista ora está em segundo (EFC e EMI) ora em terceiro lugar na ordem de preocupações (EMC, ESI, ESC). Portanto, a agenda política brasileira não inclui como prioridade a temática do terrorismo político e/ou religioso e inclui a da globalização vista pela maioria como uma ameaça, em especial entre os que adquirem mais educação formal.

A sexta questão pergunta se o respondente concorda com a decisão do governo iraniano em prender as mulheres que não cobrem a cabeça com um lenço. [A – Sim, concordo, B- Não, C- Não sabe responder] Todas as categorias de respondentes revelaram oposição à demanda do regime iraniano em relação às mulheres. Tolerância a esta exigência diminui com o crescimento da

escolaridade do respondente. Portanto, o tema mostra a oposição cultural entre o nosso mundo e as exigências do islamismo mais ortodoxo às mulheres.

A sétima pergunta questiona se devemos dar as mãos para combater (A) a agressão ao meio ambiente, (b) ao terrorismo religioso ou (C) ao fanatismo das idéias. As respostas obtidas revelam que a preocupação com terrorismo é marginal. No imaginário brasileiro a preservação do meio ambiente é um problema muito mais grave e muito mais presente. É um fator capaz de mobilizar ação e opinião. A radicalidade das idéias é outro fator que atormenta em alguma medida igualmente a opinião pública. Portanto, pode-se inferir que a pauta internacional em torno da temática da luta contra o terrorismo islâmico é vista com desconfiança no país. A má vontade de muitas sociedades em combater a poluição representa algo muito mais perturbador à opinião pública nacional.

A oitava pergunta quer saber se o respondente julga justificável a invasão do Iraque pelos Estados Unidos (A- Sim, B- Não, C- Não sabe responder). Os dados apresentados na tabela revelam que a vasta maioria dos respondentes posicionou-se contra a invasão americana do Iraque. À medida que aumenta a escolaridade diminui o apoio aos Estados Unidos. Os com baixa escolaridade tiveram enorme dificuldade em se posicionar.

A nona pergunta indaga se o público pensa que a solução para os problemas internacionais é de fato mais democracia (A- sim, B- concordo parcialmente, C- discordo, D- não sei responder). É possível verificar nas respostas que a luta por democracia ou por mais democracia no mundo tem apelo popular. Em todas as categorias a maioria se posicionou plena ou parcialmente a favor deste objetivo. O aumento na escolaridade fez aumentar igualmente a oposição a esta meta de mais democracia no mundo, muito embora tal oposição não tenha se tornada majoritária.

A décima pergunta elabora sobre as razões dos conflitos internacionais. A opção de resposta A propõe como alternativa 'as diferenças de religião e cultura entre os povos.' A B propõe 'as diferenças sociais entre ricos e pobres'. A C sugere 'as diferenças ideológicas entre os grupos humanos'. E a D é o grupo que 'não sabe responder'. A tese culturalista exposta na formulação do conceito do 'choque civilizacional' é desprezada pelos respondentes. Para estes, a identidade religiosa não é fator capaz

de originar um conflito, mas sim as disputas ideológicas e as diferenças sociais. Aos olhos dos respondentes, é difícil compreender a distinção religiosa como fonte das guerras e convulsões. A realidade brasileira está permeada por enfrentamentos de outra natureza, em especial as de caráter social e político. Por isso, os respondentes aplicam este esquema mental para explicar os dilemas internacionais. Portanto, segundo as referências locais, religião não é fator que influencia as relações internacionais. O que importa mesmo é a natureza do conflito social e político.

A décima primeira pergunta diz: Quem entre George Bush e Osama bin Laden, eu escolheria como ameaça maior à paz do mundo. (A) George Bush, (B) Osama bin Laden (C) Nenhum dos dois personagens, (D) Não sabe responder.

A medida que cresce a escolaridade aumenta o ódio a George Bush e cresce a tolerância da opinião pública a Osama bin Laden. O EFIN é o único grupo que investe contra o líder da Al Qaeda. Portanto, a escolaridade parece ter influência na crítica mordaz que os mais escolarizados fazem ao líder americano. Ele simboliza o mal muito mais claramente que Osama bin Laden.

A décima segunda pergunta quer saber que tipo de definição o público dá ao terrorismo. Seria ele islâmico (Opção A) ou é de Estado (Opção B). A invasão americana é que seria terrorismo (Opção C). O grupo que não sabe responder é D. A maioria dos respondentes mais facilmente identifica o ato de terror como sendo a perseguição exercida pelo Estado ao cidadão comum. Faz igualmente equivalência do termo à invasão dos Estados Unidos ao Iraque. So em terceiro lugar contempla a ação dos grupos islâmicos no mundo. Ou seja, este tipo de militância desfruta ainda de crédito na opinião pública local. Quem aparentemente perdeu uma boa parcela do mesmo foi a autoridade governamental, em especial a dos Estados Unidos.

Na próxima questão avalia-se o poder simbólico do golpe de Augusto Pinochet contra Salvador Allende no Chile em 11 de setembro de 1973. Na retórica sobre o 11 de setembro muitos opositores aos Estados Unidos evocaram aquela data. Disseram que aquela ocorrência sim é que foi grave, desmerecendo desta forma o ataque da Al Qaeda a Nova York. [A. O ataque no Chile foi tão grave quanto a da Al Qaeda, B. Não foi tão grave, C. Não sabe responder] No entanto, os dados revelam que a derrubada do

governo de Salvador Allende não teve o mesmo impacto simbólico no imaginário popular dos respondentes. Esta relação feita por polemistas geralmente de esquerda que desejavam transferir à ação contra o governo socialista chileno o ódio despertado contra os fundamentalistas islâmicos não encontrou eco na opinião pública. A maior parte dos respondentes não consegue fazer a conexão entre os dois 11 de setembros.

A décima quarta pergunta propõe a teoria conspiratória de que o ataque terrorista foi planejado pelo próprio governo americano para justificar sua invasão ao Iraque e Afeganistão.. [A- Concordo com a tese, B- Discordo, C- Não sei responder] A maioria dos respondentes não aceita a teoria conspiratória de que a ação terrorista realizada contra as torres gêmeas em Nova York em 2001 foi obra dos próprios americanos. No entanto, tal idéia é acolhida na categoria EFIN por 30%, na EFC por 33%, na EMI por 46%, na EMC por 33%, na ESI por 35% e na ESC por 32%. Portanto, pode-se afirmar que cerca de um terço dos respondentes aceita a teoria conspiratória. Ou seja, o volume de informação divulgado sobre o fato não produziu o efeito capaz de amenizar a hostilidade pública contra os Estados Unidos. Esta hostilidade parece ser o fator preponderante que motiva a opinião pública a imaginar uma articulação secreta dos próprios americanos. Este tipo de raciocínio, comum no mundo árabe e islâmico, parece ter sido acolhido por esta parcela da população local por razões similares, ou seja, a desconfiança aos Estados Unidos.

Na décima quinta pergunta observa-se que em todas as categorias à exceção do EFIN concordam com a afirmativa de que o maior problema do mundo é o imperialismo americano. [A- Concordo, B- Discordo, C- Não sei responder] Mesmo na categoria EFIN 37% adotou esta posição. Este sentimento é grave e abala a estima local pelos Estados Unidos. O resultado é compatível com outros dados coletados e com a baixa nota dada ao país. Ou seja, pode-se afirmar que a argumentação antiamericana da Al Qaeda encontra eco não só no Oriente como na opinião pública local.

Afinal, para os respondentes, o que é mais importante? Entre as opções de resposta desta décima sexta pergunta [A. democracia, B. mais desenvolvimento, C. menos terrorismo, D. mais fé em Deus] a fé religiosa é fator grave e é a resposta preferida. Mas à medida que aumenta a escolaridade diminui a escolha por esta opção de resposta. Nas duas categorias dos mais escolarizados,

democracia e desenvolvimento crescem. Ou seja, terrorismo é fator irrelevante no imaginário de todos os respondentes.

Nas duas últimas questões avalia-se o julgamento de valor dos respondentes sobre a Globalização (décima sétima pergunta) e pede-se que ele escolha a prioridade número do Brasil (décima oitava pergunta). A maioria julga positivamente a globalização [A- é algo bom, B- é algo ruim, c- não sabe responder]. Chama atenção a dificuldade que a categoria EFIN tem para se posicionar também neste quesito. Este clima de opinião contradiz as evidências coletadas na questão cinco na qual se vê que os respondentes consideram a globalização a maior das ameaças. Portanto, há certa ambigüidade dos respondentes em relação a esta temática vindo a ao mesmo tempo como um perigo e como algo positivo.

Sobre a primeira prioridade do Brasil a maioria dos respondentes deseja menos abertura da economia aos estrangeiros [A. menos influência estrangeira nos negócios brasileiros, B. abrir ainda mais a economia aos capitais internacionais, C. não sabe responder]. Predomina o ranço e a hostilidade a estes investidores. Na média, cerca de 30% dos respondentes é favorável à internacionalização da economia e 24% mostra-se confusa em relação à proposição.

Notas dos países por categoria de escolaridade: de Zero (Ruim) a Dez (Excelente)

	EFIN	EFC	EMI	EMC	ESI	ESC	Média
USA	5.5	5.2	5.8	5.0	3.6	3.9	4,8
França	5.8	6.0	7.2	6.8	6.4	6.9	6,5
Ísrael	4.2	4.1	4.8	4.3	3.7	4.4	4,3
Inglaterra	5.6	5.9	7.0	6.5	5.6	6.2	6,1
Irã	3.5	3.8	3.7	3.6	4.3	3.7	3,8
Alemanha	7.0	6.9	7.3	6.9	6.9	6.9	7
Ar. Saudita	4.5	4.2	5.3	4.4	4.7	4.1	4,5
Rússia	4.7	4.9	6.0	4.7	5.6	4.9	5,1
China	5.7	6.7	7.1	7.1	5.9	6.0	6,4
Itália	7.5	7.4	7.8	7.7	7.2	7.2	7,5
Espanha	6.9	6.8	7.9	7.0	7.3	7.2	7,2
Egito	5.1	6.2	6.9	6.0	6.2	5.8	6

A nota reflete o grau de estima que a referência ao país produz entre todos os respondentes da amostra. Por ordem de preferência, da mais alta estima a mais baixa, os países referidos estão assim posicionados:

1º. Itália, 2º. Espanha, 3º. Alemanha, 4º. França, 5º. China, 6º. Inglaterra, 7º. Egito, 8º. Rússia, 9º. USA, 10º. Arábia Saudita, 11º. Israel, 12º. Irã.

Considerações Finais

Os dados apresentados neste levantamento revelam que nesta disputa retórica o 'ocidentalismo' leva vantagem no Brasil. Eles mostram que é ampla a hostilidade aos norte-americanos e ao que eles representam. Segundo esta visão, os Estados Unidos fizeram por merecer o ataque terrorista da Al Qaeda. Para esta corrente de pensamento, o imperialismo é um mal que abate não só o Oriente como igualmente o nosso Continente. Por decorrência, há espaço para o grito nacionalista de que a soberania do país deve ser resgatada.

E Bush, muito mais que Osama bin Laden, é visto como uma ameaça à paz mundial. Ele representa o mundo que uma boa parcela dos respondentes desconfia e teme mais: o do capitalismo, o do liberalismo, o do mercado e o da globalização.

Dito de outra forma, o combate ao terrorismo religioso não está na agenda pública nacional. Predomina em nosso meio mais o gosto da argumentação de sabor sociológico e político. Por isso mesmo, a cultura e a religião são vistas como fatores inadequados e incapazes de ser considerados como elementos-chave de uma doutrina geopolítica.

Predomina também mais facilmente nas pessoas a desconfiança com o aparato de segurança do Estado. Por isso, lhes é mais fácil relacionar o terrorismo com tal corporação e sua ação. Para os nacionais, é mais difícil avaliar e enquadrar o fenômeno da Al Qaeda, do fundamentalismo islâmico e da violência religiosa na forma como americanos e outros povos atingidos por este tipo de violência fazem. Estes fenômenos parecem aos respondentes desta investigação problemas distantes, talvez distantes em demasia para serem considerados seriamente. Como ensina o dito popular, 'o que os olhos não vêem o coração não sente'.

Tal circunstância de descolamento brasileiro da agenda política internacional das grandes potências e de outros países que enfrentam o dilema das disputas religiosas e dos ataques terroristas torna o labor 'orientalista' difícil. É verdade que há oposição da opinião pública ao terrorismo islâmico, mas um terço do mesmo o tolera em algum grau.

A denúncia de Osama e da Al Qaeda por estes polemistas críticos e rotulados por seus opositores e inimigos como 'orientalistas' encontra em grande medida ou indisposição afetiva ou incompreensão no Brasil. Por isso, Osama e sua guerra assimétrica ainda podem tudo, ou quase tudo, de acordo com o mapa mental nativista preponderante no país. Para esta doutrina, os americanos e seus aliados é que podem pouco. Estão sob a mira constante e resoluta de seus críticos 'ocidentalistas' locais.

A rebeldia fundamentalista se vale do crédito dispensado por este clima de opinião pública majoritário a qualquer um que desafie ou tenta desafiar o sistema global vigente e apesar das atrocidades eventualmente cometidas e/ou prometidas pelo ator no seu objetivo declarado de reformar o mundo.

No caso sob observação, cabe salientar, portanto este fato: a ideologia nativista 'ocidentalista' é mutação e adaptação do grito rebelde antiliberal e antiamericano dos anos 60, do período da Guerra Fria.

É verdade que o clamor americano por mais democracia no mundo não chega a ser antipático aos olhos dos respondentes, muito embora os mais educados entre eles sejam mais céticos e cínicos em relação a este propalado objetivo estratégico. Da mesma forma, a maioria não cai na armadilha das teorias conspiratórias muito embora não sejam poucos – cerca de um terço dos respondentes - os que admitem tal possibilidade. Apesar de tudo o que foi noticiado, comprovado e documentado, preferem ver o mal na vítima do terror do que no autor conhecido do crime. Este tipo de raciocínio, comum no mundo árabe e islâmico, parece ter sido acolhido por esta parcela da opinião pública local por razões similares, ou seja, a desconfiança aos Estados Unidos.

Em suma, em importante segmento do público brasileiro predomina a qualquer custo a desconfiança aos Estados Unidos, certa tolerância a Al Qaeda, em especial à medida que aumenta a escolaridade dos respondentes. A oposição da opinião pública é mais à idéia imperial que a potência norte-americana projeta do que simpatia aos valores intrínsecos do Islã, em especial ao tratamento oferecido às mulheres. É mais oposição à invasão militar ao Iraque do que simpatia a Saddam Hussein. É mais preocupação

com a poluição do mundo do que com a incitação ao ódio dos pregadores da ortodoxia wahabita. É mais atenção ao conflito social, econômico e político do que ao cultural. O terrorismo religioso ainda é fator irrelevante no imaginário dos respondentes. Deriva deste fato certa complacência e desinteresse no exame desta problemática pelos nacionais.

Por fim, tal retórica 'ocidentalista' amplia o significado do conceito de terrorismo, ameniza o julgamento do público com a motivação, a estratégia e os efeitos deste tipo de violência religiosa e política, distrai sua atenção ao novo fenômeno do islamo-fascismo⁴, impede que haja dispersão de energia afetiva que no entender desta corrente deve ser concentrada no inimigo comum e discernível a olho nu. No caso, anima por fim uma vez mais e outra vez mais a ruminção e o rancor dos 'ocidentalistas' contra os alvos tradicionais e preferenciais do período da Guerra Fria: os americanos e o liberalismo.

A descrição deste mapa mental dos brasileiros, destes marcadores da cultura nacional contemporânea e de seu imaginário social mostra também a forma como as pessoas estão processando as idéias disseminadas na sociedade por estes intérpretes da realidade (os atores políticos nacionais e internacionais, articulistas, autores, filósofos e comentaristas, teólogos e educadores, entre outros). E revela a maneira como as ocorrências internacionais estão sendo enquadradas cognitivamente e afetivamente pela opinião pública nacional.

Referências

ASHER, Nelson. Um clássico: o Zero e o Infinito. **Primeira Leitura**, n. 40, jun. 2005.

BERMAN, Paul. **Terror and Liberalism**. W.W. Norton & Company, 2003

BLINDER, Caio. Bush da Arábia. **Primeira Leitura**, n. 38, abr. 2005.

CARVALHO, Olavo de. Arma de Guerra. **Folha de S. Paulo**, 20 maio 2004.

⁴ O termo foi popularizado por Christopher Hitchens e Paul Berman, entre outros autores.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAHL, Stephen. **Intercultural research: the current state of knowledge**. London: Middlesex University, [s.d].

DREHER, Martin Norberto. **Para entender o fundamentalismo**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002

ESTENSORO, Hugo. O toque humanista. **Primeira Leitura**, n. 39, maio 2005.

MARGALIT, Avishai; BURUMA, Ian. **Occidentalism: the west in the eyes of its enemies**. New York: The Penguin Press, 2004.

OSKAMP, Stuart. **Attitudes and opinions**. [s.l.]: Prentice-Hall, 1977.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SADER, Emir. Hipóteses sobre o terror. **Universia Brasil**, 8 jul. 2005.

SANTOS, Fábio. Irã: mais para Lênin do que para Alá. **Primeira Leitura**, n. 40, jun. 2005.

TAYLOR, Charles. **Modern social imaginaries**. [s.l.]: Duke Univerisity Press. 2004.

WAINBERG, Jacques A. **A Pena, a tinta e o sangue: a guerra das idéias e o Islã**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

ZADILLO, Ernesto. Fostering or frustrating globalization, that is the question. **Center for Latin American Studies**. University of Berkeley, 13 fev. 2004.